

Tajiquistão: cruzamento da dimensão económica de reconstrução e prevenção

Pascoal Santos Pereira

2009

Programa de Doutoramento Política Internacional e Resolução de Conflitos, Nº 3,
2009. <http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n3/ensaios.php>

1. Introdução

No seu artigo “Does *peacebuilding* build peace?: Liberal (mis)steps in the peace process”, publicado na revista *Security Dialogue*, Charles-Philippe David, no seu propósito de nos apresentar os elementos fundamentais dos processos de *peacebuilding*, indica um conjunto de três objectivos críticos que devem ser tidos em conta no período de transição pós-bélica: uma dimensão securitária (prevenção para não ressurgimento da violência no imediato), uma dimensão democrática (com a criação de condições que conduzam a um processo de democratização) e uma dimensão socio-económica (com a reconstrução das infra-estruturas e do tecido produtivo) (David, 1999: 28-9).

No entendimento actual de *peacebuilding*, os elementos que compõem estes três objectivos são absolutamente fundamentais, devem ser coordenados em conjunto e devem ser pensados num prazo relativamente longo para que a transformação das fragilidades políticas, económicas, sociais e culturais que levaram ao conflito seja efectiva e profunda. Podemos assim afirmar que a transformação dessas fragilidades no período de reconstrução será um importante elemento para que o conflito não ressurgja, tornando esse processo fundamental como forma de prevenção de conflitos.

Neste pequeno ensaio, será analisado o caso específico do Tajiquistão e a sua reconstrução no seguimento da guerra civil que devastou o país de 1992 a 1997. Num primeiro momento, faremos um breve enquadramento histórico desse conflito para de seguida apresentarmos os condicionamentos

económicos deste Estado (tanto os existentes antes da guerra civil, como os que são consequência desta) para, por fim, analisarmos a sua reconstrução nestes últimos dez anos e a sua implicação no futuro. Embora também sejam aflorados os elementos securitários e políticos do processo de reconstrução, será dado um maior ênfase à reconstrução económica.

2. O Tajiquistão até 1997

O território do Tajiquistão é enquadrado a Norte pelo Quirguistão, a Oeste pelo Uzbequistão, a Sul pelo Afeganistão e a Este pela China e é essencialmente montanhoso. É atravessado pelos dois maiores rios da região, o Amu Darya e o Syr Darya, nascidos ambos no Tibete Ocidental e que vão desaguar no Mar de Aral, já fora de território tajique.

As fronteiras do Tajiquistão tal como o conhecemos hoje foram definidas de forma artificial pela URSS em 1924-5, tal como as restantes ex-Repúblicas Socialistas Soviéticas da Ásia Central vizinhas (IISS, 1997: 1). São artificiais tanto por nunca antes o Tajiquistão ter anteriormente existido enquanto sociedade política estruturada e autónoma, como por as fronteiras deste novo Estado não corresponderem ao princípio de Mazzini “Cada nação é um Estado; um só Estado para cada nação” (Hobsbawm, 2004: 97): 25% da sua população é de origem uzbeque e duas cidades históricas tajiques, Samarkhand e Bukhara, encontram-se fora das suas fronteiras.

Com o colapso do império soviético, o Tajiquistão viu-se com uma independência que não tinha reivindicado e para a qual não estava preparado

(Jotun, 2001: 103). A elite nacional que controlava o país antes de 1991 não foi substituída, antes se manteve no poder. Foi a disputa por esse poder que levou à instabilidade política no país e, por conseguinte à guerra civil. Os sectores descontentes da sociedade eram muitos e incluíam nacionalistas, islamistas e democratas. Na prática, estas divisões políticas no país eram um reflexo da luta de poder entre clãs de regiões diferentes, sendo que o Partido Comunista do Tajiquistão (PCT) do Presidente era dominado por clãs do centro e norte do país (Kulyab e Khojent) enquanto os clãs do Sudoeste (Kurgan-Tyube) e do Leste (Gharm e Gorno-Badakhshan, que gozava de uma certa autonomia regional e nunca foi plenamente controlado por Dushanbe) (Smith, 2003: 74) desafiavam a ordem herdada da URSS, sem que nenhuma destas alianças fosse muito sólida.

Em 1992, sucedem-se as manifestações e os confrontos entre as forças governamentais e a Oposição Tajique Unida (OTU) até que o Presidente cede em Setembro e resigna. A oposição ficaria no poder apenas até Novembro, quando a Federação Russa intervém e repõe o PCT no poder, com Imamoli Rakhmanov na Presidência, que deu continuidade à repressão às forças da oposição até 1997 quando a paz foi finalmente firmada.

O conflito no Tajiquistão tornou-se algo de particularmente preocupante para os seus vizinhos da Ásia Central: para além de todos eles viverem situações políticas muito semelhantes (Estados recém-independentes dominados pelas antigas elites soviéticas, com instituições frágeis e com importantes minorias étnicas no seu interior), estas antigas repúblicas soviéticas temiam acima de

tudo o efeito de contágio que o Islamismo radical poderia ter nos seus territórios. Dada a extrema fragilidade do exército tajique (os motins eram frequentes e os batalhões lutavam uns contra os outros) e da sua vulnerabilidade face às forças da OTU (o exército do Tajiquistão teria 6.000 militares activos, enquanto a OTU teria uns 5.000, *The Military Balance 2003-4*, 2004: 289), a Comunidade de Estados Independentes (CEI) foi chamada em 1992 a enviar uma força de manutenção de paz para o Tajiquistão. Pouco depois, a Rússia enviaria um Grupo de Tropas Fronteiriças (25.000 homens, IISS, 1997: 1) para reforçar a muito desprotegida fronteira do país com o Afeganistão (1200 km de extensão em território montanhoso e apenas 1.200 guardas fronteiriços tajiques), por onde passariam militantes islâmicos, armas e drogas do Afeganistão para a Ásia Central e para a Rússia. Por fim, em 1994, chegariam também uma Missão de Observadores da ONU (UNMOT) e uma unidade da OSCE. Após alguma resistência inicial da Rússia, estas duas missões acabariam por ter um papel central na mediação entre adversários neste conflito, que teria um ponto final em 1997, com a assinatura de um acordo de paz entre o governo tajique e a OTU, contabilizando-se 60 000 mortos, 500.000 desalojados e 250.000 refugiados no Afeganistão, Paquistão e Irão.

O fim da guerra civil deve-se mais a um conjunto de circunstâncias internacionais que alteraram a relação de forças das partes em confronto no Tajiquistão do que propriamente a um avanço indiscutível de uma dessas partes. A tomada do poder dos Talibãs no Afeganistão em 1996 alarmou todos os seus vizinhos que aí viam um preocupante foco de ameaça política e destabilização regional (IISS, 1997: 2). A Rússia pressionou o governo tajique

para chegar a um acordo com os rebeldes, ameaçando retirar as suas forças. Um cessar-fogo foi logo conseguido em finais de 1996 e o acordo de paz assinado em 1997. Os partidos da OTU conseguiram ser legalizados (incluindo o poderoso Partido do Renascimento Islâmico que passou a integrar o executivo e se tornou assim no único partido islâmico legalizado na Ásia Central, BAD, 2003: 8-9), as suas tropas foram absorvidas no exército tajique e foi criada uma Comissão de Reconciliação Nacional com o propósito de integrar a oposição na administração e para estabelecer regras eleitorais. Este acordo satisfaz ambas as partes, contribuindo para que entre si não houvesse mais motivos para fazer perpetuar o conflito. Tal não significa que a população se sentisse realizada com o acordo alcançado, nem que se não tivessem criado dissidências no seio dos novos partidos legalizados, bem pelo contrário (Chaudet, 2008: 566).

3. O Tajiquistão após 1997

O *peacebuilding* no Tajiquistão na sequência da guerra civil (1992-7) tem de ser visto num sentido mais amplo que uma simples reconstrução pós-bélica. Trata-se também de todo um processo de *nationbuilding* pois a guerra civil eclodiu logo após a independência deste Estado da Ásia Central que, de si, não tinha as infra-estruturas para se manter como tal: para além de, na era soviética, o Tajiquistão ser já a República mais pobre da União, toda a estrutura económica e produtiva da URSS era centralizada, especializada e planificada, pelo que todas as infra-estruturas construídas na altura faziam sentido num âmbito soviético e se tornaram completamente inadequadas quando cada uma das componentes dessa União se separou. Mais facilmente

havia rotas de comunicação com repúblicas vizinhas do que dois pontos dentro das suas fronteiras. Em suma, todas as estradas e caminhos-de-ferro tinham de ser não só reconstruídos, como repensados num âmbito “nacional” e o tecido produtivo não podia ser já pensado em coordenação com os restantes parceiros da URSS.

Tal como outros vizinhos seus da Ásia Central, o Tajiquistão tem alguns recursos minerais, mas são de muito difícil acesso, logo de difícil exploração (BAD, 2003: 1). No entanto, as suas maiores riquezas naturais acabam por ser os seus recursos hídricos: o país é auto-suficiente em água (usada também para a cultura do algodão e a produção de electricidade, sendo auto-suficiente em energia, BTI, 2007: 3), sendo o terceiro país do mundo com maiores recursos hídricos *per capita* (Richardson, 2008: 2) e dele dependem os países a jusante (a quem também fornece energia hidráulica), com escassez de água. Existem algumas reservas de urânio e mercúrio cuja exploração foi interrompida e/ou destruída pela guerra. Embora apenas 7% do seu território seja arável, cerca de 65% da população tajique depende da agricultura (PNUD, 2003: 18).

A degradação do rendimento interno tajique é visível ao analisarmos a evolução do crescimento da economia: na década de 80, a economia tajique tinha crescido a um nível médio anual de 3,3%, entrando logo em espiral decrescente em 1989 até 1996; o PIB do Tajiquistão em 1996 representava 29,8% daquilo que tinha sido em 1989 e em 2001 representava ainda só 39,5% (Glenn, 2003: 457). No entanto, a economia informal envolve cerca de 40% da

população activa (BTI, 2007: 13), pelo que se torna difícil avaliar o seu peso nos dados oficiais da economia tajique. O crescimento económico verificado na última década (uma média anual de 8,7% entre 2000 e 2007, BM Country brief, 2008) deve-se essencialmente às boas performances, apesar de tudo, das exportações de algodão e de alumínio (que beneficiaram de um período de alta de preços a nível mundial) e das remessas de divisas enviadas pelos emigrantes tajiques na Rússia (BTI, 2007: 11), chegando estas a representar 37% do PIB nacional (BM Country brief, 2008). A inflação tem sido controlada, descendo de um valor próximo dos 38% em 2001 para um valor próximo de 7% em 2004 (BTI, 2007: 14). Apesar do Estado deplorável das infra-estruturas, da educação e da saúde e das instituições frágeis, o Tajiquistão tem conseguido recuperar economicamente e viver em relativa estabilidade política e económica; em 2007, apenas 55% da população vivia abaixo do limiar da pobreza (Freedom House Country report, 2008), enquanto que ainda em 2003 este valor rondava os 64% e em 1999 os 83% (BTI, 2007: 11). A (re)construção de pontes, estradas, barragens e túneis graças a empréstimos e investimentos da Rússia e da China, da ajuda do Fundo Monetário Internacional e do Banco Asiático para o Desenvolvimento entre outros, ajudam a ultrapassar os obstáculos estruturais do país e a dinamizar o comércio interno.

No ranking do desenvolvimento humano, o Tajiquistão desceu do 88º lugar em 1991 para o 113º em 2001 (BAD, 2003: 10). Um dado alarmante diz respeito à educação: 99,5% da população adulta é alfabetizada, mas a frequência de escolaridade actual situa-se pelos 70,8%, o que se explica tanto pela falta de recursos humanos qualificados para garantir a educação primária em todo o

território, como pela diminuição da frequência feminina nas escolas, devido à pobreza (ajuda nos trabalhos domésticos) e ao regresso de valores islâmicos nalgumas regiões (BTI, 2007: 16). Os gastos em saúde, por seu lado representavam 6,4% do PIB tajique em 1994 e em 2005 apenas 1,3% (BTI, 2007: 16). Este desinvestimento na saúde é eloquentemente ilustrado com os 400 000 casos de malária diagnosticados em 2002, quando esta doença tinha sido oficialmente erradicada do país antes da independência (PNUD, 2003: 19). Quanto aos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio lançados pela ONU, o Tajiquistão deverá apenas cumprir 3 dos 9 objectivos gerais indicados (BAD, 2003: 8).

4. O Tajiquistão amanhã

O Tajiquistão ainda é uma sociedade em processo de reconstrução pós-bélica, com uma série de fragilidades já apontadas. Vive em relativa estabilidade política e tem mostrado progressos importantes no investimento em infra-estruturas e no desempenho económico. Curiosamente, os elementos destabilizadores que levaram à guerra civil foram dirimidos: a oposição política tornou-se institucional e faz parte agora do sistema, ao lado agora das forças políticas governamentais e não é, neste momento, um elemento perturbador da ordem estabelecida. No entanto, isto não faz com que este processo seja feito de forma unívoca ou que o conflito violento não possa regressar, bem pelo contrário.

A ordem e estabilidade política foram privilegiadas em detrimento de um maior grau de participação política dos tajiques individualmente e das

comunidades regionais. As eleições parlamentares de 2005 e as presidenciais de 2006 foram claramente contra todos os parâmetros acordados com a OSCE (Freedom House Country report, 2008). O presidente goza de uma grande popularidade interna por ter sido o artífice da paz e por não haver qualquer alternativa política suficientemente forte ou credível. No entanto, existem importantes dissidências na oposição tradicional e que contam com apoios em países vizinhos. Apesar do Islamismo radical não recolher muitos apoios na população tajique, a “islamização” da sociedade vai-se fazendo sentir sensivelmente, como acabámos de ilustrar com os dados sobre a frequência escolar.

Existe uma série de condicionantes económicas que não podem ser ignoradas quando se tenta desenhar o futuro do Tajiquistão: apesar de todo o esforço, as infra-estruturas não são ainda suficientes e são particularmente caras num país montanhoso, o que contribui para a perpetuação do isolamento de muitas regiões e para pobreza endémica. Não existe ainda uma “economia nacional” e o país depende ainda demasiado de um pequeno conjunto de sectores produtivos essencialmente ligados à exportação (alumínio, electricidade e algodão, 61%, 12% e 11% respectivamente, PNUD, 2003: 38), por sua vez dependentes das flutuações de preços das matérias-primas a nível internacional. Nem mesmo as remessas enviadas pelos emigrantes tajiques na Rússia (cerca de 30% da população activa tajique, BAD, 2003: 7) são seguras pois a sua situação é extremamente volátil.

O sector do algodão atravessa seríssimos problemas de sobre-endividamento dos produtores, da ineficiência da produção (infra-estruturas obsoletas) e de ineficiente distribuição de títulos de propriedade na sequência da sua liberalização parcial (BTI, 2007: 26). Apesar de ter privatizado cerca de 40% das terras aráveis, o Estado tajique controla de forma directa ou indirecta o que se cultiva nessas terras: as explorações privadas e as colectivas são forçadas a plantar algodão (cultura que garante os melhores lucros, o que acaba por também beneficiar o Estado: 43% do que se cultiva no Tajiquistão é algodão, dos quais 77% em explorações do Estado), sob ameaça do corte de fornecimento de água, sementes, fertilizantes e de crédito (PNUD, 2003: 38). Uma melhor distribuição/liberalização das terras e do que nelas se cultiva torna-se urgente, tanto por a economia não ficar tão dependente de uma única cultura, como por alternativas como agricultura alimentar poder implicar significativas melhorias no combate aos problemas alimentares no país.

Para o futuro, as prioridades deverão ser a luta credível e abrangente contra a corrupção, o desmantelamento do cartel do crédito ao algodão e a liberalização dos direitos de propriedade, o apoio a uma administração profissional e um sistema judicial funcional, a criação clima de confiança para as pequenas e médias empresas e para o investimento directo estrangeiro, a diversificação da economia e um maior investimento na educação.

Contudo, e para finalizar, para além de todas estas condicionantes económicas internas que podem levar a um aumento da crispação social se

persistirem, há que salientar dois possíveis focos de instabilidade que podem ser centrais num hipotético regresso da violência.

Um primeiro é a vizinhança próxima. A retenção da água nas barragens no Tajiquistão tem estado na origem de alguma tensão com o vizinho Uzbequistão, que daí faz condicionar o fornecimento de gás e energia ao seu vizinho e que minou toda a sua fronteira (BAD, 2003: 12), com o pretexto de estar a defender-se da entrada de extremistas islâmicos no seu território. Também se registou alguma tensão com o Quirguistão, por questões de delimitações fronteiriças. Quanto ao Afeganistão, e apesar de todo o esforço russo para proteger a sua fronteira comum, ainda continua a ser um vizinho demasiado instável e com demasiadas actividades perigosas.

O segundo foco seria os fortes interesses criminosos internos que floresceram com a economia de guerra e com a ausência de regulação jurídica e policial do tempo da guerra civil. Estes interesses continuam ainda bem presentes na sociedade e frequentemente com importantes ligações políticas e não teriam nada a perder com o eventual ressurgir de um conflito armado no Tajiquistão.

Referências bibliográficas

- BAD - Banco Asiático para o Desenvolvimento (2003) *Country strategy and program 2004-2008 - Tajikistan*
http://www.adb.org/Documents/CSPs/TAJ/2003/CSP_TAJ_2003.pdf
- BM - Banco Mundial (2008) "Country brief 2008"
<http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/COUNTRIES/ECAEXT/TAJIKISTANEXTN/0,,contentMDK:20630697-menuPK:287255-pagePK:141137-piPK:141127-theSitePK:258744,00.html>
- BTI - Bertelsmann Transformation Index (2007) *BTI 2008 – Tajikistan Country Report* Bertelsmann Stiftung, Gütersloh. <http://www.bertelsmann-transformation-index.de/157.0.html?&L=1>

- Chaudet, Didier (2008) “La menace djihadiste en Grande Asie Centrale” in *Politique étrangère*, 3, 561-73.
- David, Charles-Philippe (1999) “Does Peacebuilding Build Peace?: Liberal (Mis)steps in the Peace Process” in *Security Dialogue*, 30(1), 25-41.
- Freedom House (2008) “Country report 2008 - Tajikistan”
<http://www.freedomhouse.org/template.cfm?page=47&nit=471&year=2008>
- Glenn, John (2003) “Human security and the disaffected of Central Asia” in *International Relations*, 17(4), 453-475.
- Hobsbawm, Eric (2004) *A questão do nacionalismo - Nações e nacionalismos desde 1780* Lisboa: Terramar (2ª ed.).
- IISS - International Institute for Strategic Studies (1997) “The civil war in Tajikistan - An opportunity for a lasting peace” in *Strategic comments* Vol. 3, nº6, Julho 1997. <http://www.iiss.org/search/?q=tajikistan>
- Jotun, Patrik (2001) “Regionalization in Caucasia and Central Asia” in Schulz, Michael; Söderbaum, Fredrik e Öjendal, Joakim (eds.) *Regionalization in globalizing world - A comparative perspective on forms, actors and processes* Nova Iorque: Zed Books, 100-124.
- PNUD - Programa da Nações Unidas para o Desenvolvimento (2003) *Tapping the potential - Improving water management in Tajikistan* National human development report 2003.
http://www.undp.tj/files/pubs/nhdr_2003_eng.pdf
- PNUD - Programa da Nações Unidas para o Desenvolvimento (2007-8) “Tajikistan: The human development index - Going beyond income”
http://hdrstats.undp.org/countries/country_fact_sheets/cty_fs_TJK.html
- Richardson, John (2008) “Country risk 2008: Tajikistan” (13.08.2008)
<http://globalinvestmentwatch.com/2008/08/13/country-risk-2008-tajikistan/>
- Smith, Dan (2003) *Atlas des guerres et des conflits dans le monde* Paris: Editions Autrement.
- The Military Balance - The International Institute for Strategic Studies 2003-2004* (2003) Londres: Oxford University Press.